



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

PERMANECER NA UNIVERSIDADE: ESTRATÉGIA DE LUTA E RESISTÊNCIA DE MULHERES NEGRAS

Ana Cristina Leal Ribeiro
Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil
Endereço eletrônico: ana.clribeiro@yahoo.com.br

Maria Eunice Limoeiro Borja
Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil
Endereço eletrônico: mariaeuniceborja@gmail.com

Sonia Maria da Rocha Sampaio
Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil
Endereço eletrônico: sonia.sampaio@terra.com.br

A herança colonial, além de desigualdades, exclusão e injustiça social, nos deixou um modelo de educação superior que valoriza saberes, culturas e ciência fundados no pensamento hegemônico eurocêntrico. Para Quijano (2005) o processo de colonização europeu e a concepção de modernidade centrada na legitimação e universalização da produção de conhecimento da Europa Ocidental se constituem por meio da ideia de raças e da distinção de seus fenótipos, construindo a polarização da humanidade em seres superiores e inferiores. Assim, eram naturalizadas as relações de dominantes *versus* dominados, sendo esse modo de pensar estendido para as relações de gênero/sexualidade.

No que diz respeito às mulheres negras, sua vida é atravessada pelas opressões do sexismo e do racismo. Neste contexto, como resultado da pós-abolição, a elas restou apenas a execução de atividades domésticas, mal remuneradas, quando não gratuitas, em troca de abrigo e comida, o que as manteve na mesma situação de quando eram escravas: submetidas à condição de submissão e exploração. Henriques (2016) reforça que a ausência do Estado na promoção de políticas públicas e sociais colaborou no agravamento dessa condição tendo como coadjuvante a premissa de que trabalho doméstico não exige formação intelectual. Dessa forma, o acesso à educação, para esse grupo, ficou ainda mais distante.

Houve muitos avanços, na última década, em relação às políticas de ações afirmativas que possibilitaram o acesso de estudantes negros, oriundos do sistema

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

público, quilombolas e indígenas ao ensino superior. Políticas necessárias à democratização da educação, uma vez que a universidade era *locus* privilegiado, elitista e disseminador da ideia de um saber baseado em uma cultura branca e europeia, contribuindo para a exclusão política e social da população pobre e negra (SAMPAIO, SANTOS e VASCONCELOS, 2017). Porém, dados estatísticos apresentados pelo IBGE (2018), apontam que a população negra ainda possui menores possibilidades de alcançar graus elevados de escolaridade e, no que diz respeito à situação da mulher negra relativa à conclusão do ensino superior, observa-se que seu percentual é 2,3 vezes menor que o de mulheres brancas.

Como parte do projeto “Democratização do acesso e justiça cognitiva na educação superior: a contribuição dos estudos pós-coloniais portugueses para a avaliação das ações afirmativas brasileiras”, desenvolvi a pesquisa intitulada “Permanecer: trajetória da mulher negra cotista, que enfrenta dupla jornada diária, na UFBA”, utilizando abordagem teórica das epistemologias do sul (MENESES e SANTOS, 2010), para destacar que o saber não é alheio às vivências, às experiências do sujeito que o constrói.

É necessário verificar se o processo de democratização promove também uma ecologia de saberes, que é, conforme afirma Santos (2008), a substituição da monocultura do saber científico pela convivência não hierarquizada entre os diferentes saberes e experiências, dando visibilidade aos subalternizados/marginalizados. Esse trabalho quer refletir sobre como a presença de mulheres negras na universidade, a partir de suas estratégias e saberes, constitui-se enquanto como enfrentamento da exclusão econômica, social, cultural e política que lhes é imposta.

Foram realizadas oito entrevistas presenciais na UFBA, inicialmente a partir da divulgação de texto explicativo sobre a pesquisa nas redes sociais e, posteriormente, com a indicação de outras mulheres pelas próprias entrevistadas. Os encontros foram realizados utilizando um roteiro mínimo básico, considerando o recurso de autonarrativas para destacar o protagonismo dessas mulheres a partir das suas histórias de vida. Para Spindola e Santos (2003), das narrativas individuais emergem compreensões de mundo, memórias e percepções das experiências vivenciadas, que podem refletir sobre um grupo social. Para a análise dos dados obtidos com documentos e entrevistas, estão sendo

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

utilizados, como fundamentação teórica, os estudos pós-coloniais portugueses e decoloniais.

A análise das entrevistas, em andamento, permite, inicialmente, compreender que, apesar das políticas de ações afirmativas possibilitarem o acesso ao ensino superior, a permanência das estudantes é marcada por dificuldades, entraves e ausências, efeitos de uma negação de representatividade discursiva, teórica e corporificada de pessoas negras nesse espaço, que provocam um sentimento de não pertencimento. Para estas mulheres, ainda que tenham pleiteado acesso e sido aceitas no espaço universitário, não se sentem parte deste universo, porque não são tratadas como iguais.

Ao mesmo tempo, a partir de suas próprias experiências, dificuldades e vivências, percebem a necessidade de se fazer presentes, de demarcar e ocupar o espaço acadêmico, e trazer para este *lócus*, de pensamento ainda tão hegemônico e universalizado, pautas que não são discutidas ou são discutidas ainda de forma incipiente. Neste sentido, Ribeiro (2017, p. 43) reflete que, “quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida”.

A formação de nível superior é uma importante ferramenta para a ascensão social das entrevistadas sendo, muitas delas, as primeiras pessoas da família a cursar uma universidade. Como afirma Henriques (2016), estudar torna-se uma forma de resistir à inserção em estatísticas negativas relacionadas ao subemprego, às violências, à baixa escolaridade, à subserviência e à exploração.

Culturas, saberes e conhecimentos que são produzidos pelos sujeitos marginalizados, fora de uma perspectiva eurocêntrica, praticamente não são considerados válidos no âmbito acadêmico. Dussel (2016) salienta que estes saberes e culturas, considerados periféricos, marginalizados, devem ser visibilizados e reconhecidos como valiosos, e podem ser o ponto inicial para promover o diálogo entre as epistemologias. Nesse sentido, algumas entrevistadas, tomam como exemplo as atividades de extensão - componentes intitulados Ação Curricular em Comunidade e em Sociedade (ACCS) - destacando a capacidade formativa desses momentos que ultrapassam as fronteiras da sala de aula, como oportunidade para produção de conhecimento, de partilha e vivências

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

múltiplas e de construção de diferentes saberes que, dialogam com o cotidiano que experimentam. Estas vivências apontam para a possibilidade de uma ecologia de saberes.

Os diálogos interculturais são importantes, conforme sinaliza Santos (2008), por possibilitarem o reconhecimento da presença dos distintos saberes em contraposição à epistemologia hegemônica refletindo, ao mesmo tempo, como os sujeitos se colocam e se sentem no mundo, como estes corpos se movimentam no interior de sua vida cotidiana. Uma das entrevistadas afirma que sua presença, como um corpo de mulher negra neste espaço, por si só, representa uma força, uma forma de intervir sobre o silêncio que se faz em torno dessas ausências negras.

Como estratégias de superação dos processos de opressão no espaço acadêmico e do sentimento de não pertencimento, algumas mulheres dedicam-se a formar redes com seus pares, geralmente outras mulheres negras, e/ou procuram se inserir em grupos de discussão ou de estudos na universidade ou em outros espaços coletivos que atuam sobre questões interseccionais (gênero, raça, classe, sexualidade, etc.) relacionadas às suas inquietações. E é a partir destes lugares e dessa formação fora das salas de aula que conseguem articular seus saberes, suas vivências cotidianas e tomar a palavra, no espaço acadêmico, mesmo que, não sejam eventualmente escutadas ou até silenciadas por algum docente.

O que podemos identificar até aqui é que a formação da mulher negra, como agente de intervenção, se constrói a partir das relações que são constituídas nas múltiplas vivências cotidianas. As mulheres negras transformam suas dores e dificuldades em potências, (re)construindo relações e experiências. Vão (re)aprendendo, ensinando, (re)inventando e adquirindo saberes e práticas, que se constituem como ferramentas de resistência para permanecer em espaços que muitas vezes lhes são hostis.

Ainda há muito a fazer para que a integração desse público específico se dê de forma natural e pacífica. Uma dessas questões em aberto é como construir currículos que adotem uma dimensão inclusiva, proporcionando uma educação antirracista, antissexista, que combata as discriminações e respeite a diversidade. É necessário também que a universidade proporcione a inserção de representatividade negra no corpo docente, utilize

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

referenciais teóricos que promovam a visibilização dessas vozes diversas, muitas vezes marginalizadas, e a discussão interseccional e intercultural.

PALAVRAS-CHAVE: Ecologia de saberes; Mulheres negras; Permanência; Ensino superior.

REFERÊNCIAS

DUSSEL, Enrique. *Transmodernidade e interculturalidade*: interpretação a partir da filosofia da libertação. Revista Sociedade e Estado, v. 31, n. 1, janeiro/abril, 2016, p. 51-73.

HENRIQUES, Cibele S. *Mulher, universitária, trabalhadora, negra e mãe: a luta das alunas mães trabalhadoras negras pelo direito à educação superior no Brasil*. Revista Universidade e Sociedade. ANDES-SN, n.58, Junho, 2016, p. 68-79.

IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua PNAD Contínua: Educação 2017*, 2018. Disponível em:
https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101576_informativo.pdf. Agência de Notícias, Acesso em: 31 mai. 2018

MENESES, Maria P; SANTOS, Boaventura de S. *Introdução*. In: SANTOS, Boaventura de S.; MENESES, Maria P. (orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2010, p. 09-19.

QUIJANO, Anibal. *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina*. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 107-130

RIBEIRO, Djamila. *O que é: lugar de fala?*. Belo Horizonte: Letramento/Justificando, 2017.

SAMPAIO, Sônia M. R.; SANTOS, Georgina G.; VASCONCELOS, Leticia. *Justiça Cognitiva como dispositivo para avançar nas ações afirmativas*. SAMPAIO, Sônia M. R.; SANTOS, Georgina G.; VASCONCELOS, Leticia (Orgs.). *Observatório da Vida Estudantil: Dez anos de estudos sobre vida e cultura universitária, percurso e novas perspectivas*. Salvador: Edufba, 2017, p. 247-269.

SANTOS, Boaventura. *A ecologia de Saberes*. In: SANTOS. Boaventura. A gramática do tempo: para um a nova cultura. São Paulo: Cortez, 2008, p. 137-165

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da S. *Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?)*. Revista Escola de Enfermagem da USP, v. 37, n.2, 2003, p. 119-126.